

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

COMUNISMO E COMUNISTAS

Não sei se por cegueira voluntária se por falta de inteligência, se por desprezo da inteligência alheia, persiste-se em não distinguir entre comunismo e comunistas, entre religião e política.

O comunismo ateu, só pelo facto de ser ateu, é anti-cristão. Isto é tão claro e tão simples que se pode, sem necessidade sequer de saber ler, concluir-se que todo o cristão é anti-comunista. Da mesma forma se pode concluir que nenhum cristão pode colaborar com o comunismo sob pena de renegar praticamente a sua fé. Um cristão que se filia num partido comunista, nesse mesmo momento tornou-se apóstata.

Mas uma coisa é o comunismo, outra coisa é o comunista. O comunismo é uma doutrina diabólica, anti-cristã e anti-humana. O comunista é um homem, com um destino eterno, chamado, como qualquer outro homem, à salvação. E como a salvação dos homens foi confiada ao ministério espiritual, qualquer sacerdote ou qualquer católico têm o dever de levar a salvação a todos aqueles que estão longe dela, como são os comunistas, por exemplo.

Por outro lado, toda a gente sabe que o comunismo persegue a nossa fé, como a persegue todo o verdadeiro comunista. Neste sentido, todo o comunista autêntico é um perseguidor dos cristãos e seu inimigo.

Sim, como cristãos, combatemos o comunismo. E como cristãos, e porque o somos, amamos os comunistas, nossos irmãos também.

E o que dizemos do comunismo, dizê-mo-lo, de qualquer outro erro contrário à nossa fé: o fascismo, por exemplo. Também aqui se faz a mesma distinção entre o erro e os homens. O erro combatê-mo-lo. Os que o aceitam — e por isso se tornam nossos inimigos — amamo-los.

O outro erro em que se persiste também é a propósitosada, porque interesseira, confusão entre religião e política. O problema já foi esclarecido milhentas vezes pelos Santos Padres. E não chegaria este número do jornal todo inteiro para transcrever os inúmeros textos que nestes últimos 50 anos se publicaram sobre o assunto.

A religião é a vida. Ora a vida é um todo. Alma e corpo, interesses espirituais e materiais confundem-se nos mesmos interesses humanos.

(Continua na 2.ª página)

O TRABALHO É A CHAVE DA PRODUÇÃO

A riqueza duma nação, e com esta a prosperidade colectiva e o bem estar particular, depende unicamente da produção industrial e agrícola. Os bens capazes de consumo, aparecidos espontaneamente nos campos e nos bosques não chegariam para sustentar a humanidade durante muitos dias. Desapareceriam rapidamente como as plantações dum oasis por onde passasse, numa manhã, nuvem imensa de gafanhotos com rumo para fora do deserto.

São as forças da natureza aproveitadas e transformadas pela habilidade e pelo esforço do homem, que garantem a este o pão, o agasalho, e as comodidades duma vida civilizada.

Seja elevada a produção, seja grande a riqueza nacional em bens de toda a ordem e haverá uma prosperidade colectiva, cuja existência ficará necessariamente gravada para o futuro, nas grandes obras de arte e de fomento, que assinalam todas as épocas de abundância, gozada pelo conjunto dum povo ou por uma classe dominante e dominadora, a qual se garante uma vida opulenta mediante o trabalho escravo.

Seja elevada a produção e haverá

desde logo a condição essencial e única para se poder realizar uma distribuição capaz de garantir o bem estar de cada um e a paz social.

A produção depende do trabalho

É esta a importância soberana da produção: mas a produção depende essencialmente do trabalho.

A técnica e a mão-de-obra, agindo sobre as matérias primas, realizam a produção. Uma e outra são indispensáveis, como indispensável é o capital que permite a conjugação desses dois elementos com as matérias primas de que dispõe.

Diz-se isto a cada passo. Toda a gente sabe que trabalho, técnica e capital são os factores da produção.

A. C.

O ESPÍRITO ACABA SEMPRE POR VENCER A MATÉRIA E O DIREITO POR TRIUNFAR SOBRE AS RUINAS ACUMULADAS PELA VIOLÊNCIA—PIO XII.

PORQUE CRESCEM AS CIDADES À MARGEM DO PROBLEMA RURAL

As cidades continuam a crescer enormemente.

Lisboa que já é tão grande aumenta de ano para ano. Vê-se isso na estatística mas vê-se também na rua: vê-se nos transportes que não chegam, vê-se onde a gente se amontoa, vê-se nos hospitais, nas tabernas e nas escolas. Porque motivo?

Será o facto devido a uma forte natalidade? Infelizmente, esta não existe.

Porque cresce então a cidade?

Porque de todo o país, vêm diariamente fixar-se em Lisboa um grande número de pessoas, que abandonam as suas terras e as suas famílias em busca duma vida mais feliz. Este fenómeno não é de agora ou de há

pouco. Já no século XVI o mesmo acontecia preocupando algumas pessoas e nomeadamente a interessante figura dum grande poeta chamado Garcia de Rezende que se refere ao assunto na célebre carta ao Senhor de Basto.

Já apontámos o motivo geral desta debandada para a cidade. O maior peso do trabalho rural, duração diária, e em menor escala a tentação da luz e do brilho citadino causam por vezes o esgotamento das aldeias e sempre o congestionamento da cidade. Mas o que é certo, é que quaisquer que sejam os efeitos que esta migração venha mais tarde a produzir, os primeiros tempos passados aqui, represen-

tam uma melhoria de vida para os que vêm, pois que enquanto conservam os hábitos da aldeia, o dinheiro que ganham lhes chega melhor.

Mas não se diga que é necessário fechar as portas da cidade aos que querem vir para cá tentar a sorte ou mesmo cumprir um contrato de trabalho que invariavelmente julgam ótimo.

O remédio deve aplicar-se — aqui e sempre — na própria origem do mal.

O congestionamento da cidade com as suas graves consequências, a maior das quais é, talvez, o agravamento constante do problema da habitação, poderá ser evitado apenas pela transformação das condições de vida dos campos.

Não é isso coisa fácil de fazer em pouco tempo. Mas a primeira coisa, indispensável para isso é convencerem-se todos quantos de algum modo possam contribuir para essa transformação, de que ela precisa absolutamente de fazer-se.

Toda a correspondência deve ser dirigida à nova sede dos nossos escritórios: RUA DE GOMES FREIRE, 30, 2.º LISBOA



GUERRA AO ACIDENTE DE TRABALHO

Quantos desastres nas obras vitimam operários, deixando na miséria ou, pelo menos, em sérias dificuldades muitas famílias só por descuido deles mesmos ou dos encarregados da segurança no trabalho.

Uma tábuca mal pregada num andaime, uma outra meio partida, falta de suficiente e seguro resguardo, são o bastante para matar um ou mais homens ou para os levar longos meses para os hospitais!

Porque não tendes mais cuidado?

PRUDÊNCIA! SEGURANÇA!
VIGILÂNCIA!

A vida é o maior de todos os bens!

GUERRA AO ACIDENTE
DE TRABALHO!

TRABALHADORES RURAIS

Têm chegado à nossa redacção, um pouco de toda a parte, inúmeros pedidos de trabalhadores rurais para que nos ocupemos também deles, da sua situação e do desejo que nutrem na sua alma a uma vida mais cristãmente social.

Muitos dos nossos leitores rurais apresentam-nos sugestões interessantes, relatos claros da situação rural e do seu trabalho e quase todos apelam para o senhor Ministro da Economia, no sentido de se tomarem certas medidas que eles próprios sugerem.

Embora não tenhamos podido publicar algumas das cartas que esses nossos irmãos de trabalho nos têm enviado, podemos contudo dizer-lhes que elas têm sido levadas ao conhecimento do senhor Ministro da Economia.

DO PAÍS

O Governo vai contratar engenheiros de minas para Angola para serviços de geologia e minas naquela nossa Colónia.

Vai ser construído um farol no ilheu das Formigas, para o que o Fundo do Desemprego concedeu já à Direcção dos Monumentos Nacionais a comparticipação de 400 contos.

Vai ser construído em Luanda um hospital, cujos terrenos o governo de Angola adquiriu e as obras vão começar em breve.

Está apurado o projecto da nova estrada entre Portela da Desceida e Sever do Vouga, grande melhoria para aquela região que está orçado em 3.400 contos.

Foram inaugurados no Lumiar os novos pavilhões da Sanatório D. Carlos I, que têm agora uma capacidade de 500 camas.

A Câmara Municipal da Marinha Grande foram concedidos definitivamente e gratuitamente os terrenos do Estado que constituem a praia de Vieira de Leiria. Ali vai ser executado um plano de urbanização já elaborado e de que consta a construção de edifícios para igreja, escola primária oficial com a respectiva cantina, núcleo assistencial e Casa do Povo.

Vão ser alterados o regime de fiscalização e tributação dos jogos de azar e modificadas as disposições relativas à zona da Figueira da Foz onde tem funcionado irregularmente a exploração do jogo.

A Patraria dos Vapores Lisboenses, actualmente a funcionar no Cais do Sodré, vai ser transferida para junto da estação do Sul e Sueste, na Praça do Comércio.

Seguiu para Genebra a delegação portuguesa à segunda Assembleia da Organização Internacional da Aviação Civil, presidida pelo Prof. Paulo Cunha.

Vindos da Holanda chegaram há dias a Fátima dois holandeses, que fizeram a viagem em bicicleta e gastaram 21 dias no percurso.

A pé, vindo também da Holanda, dirige-se a Fátima outro peregrino, que as agências noticiosas localizaram em Espanha. Tem 28 anos e percorre diariamente 20 quilómetros.

A Sociedade de Geografia presta no dia 12 homenagem ao professorado primário em sessão solene a realizar no seu edifício.

Forças judaicas estão a ser treinadas em vários países europeus para entrarem em combate na Terra Santa.

A O. N. U. pediu aos árabes e judeus a suspensão da luta pelo período de quatro semanas.

Parece que os Estados Árabes estão dispostos a cessar a luta desde que não cheguem mais armas nem imigrantes para os judeus.

O rei da Transjordânia declarou que não começou uma guerra e para lá mandou os seus filhos e os seus soldados para a suspender, sem dificuldades, ao primeiro pedido.

O delegado norte-americano na O. N. U. pediu a aplicação de sanções diplomáticas, militares e económicas contra os Estados Árabes.

Os árabes deixarão de exportar petróleo se O. N. U.

É opinião do Conselho de Segurança que a paz na Palestina depende, agora, da possibilidade de acordo entre a Inglaterra e os Estados Unidos para uma política comum na Terra Santa.

O Primeiro Ministro britânico, Attlee, negou que houvesse qualquer divergência grave entre a Inglaterra e a América acerca da Palestina.

A Inglaterra está disposta a suspender o envio de armas para o Egíptio, Transjordânia e Iraque, se a O. N. U. impuser o embargo geral a fornecimentos de equipamentos e artigos militares.

O jornal francês «L'Époque» censura as Nações Unidas por terem falhado na sua missão de proteger os Lugares Santos.

Um grupo de cristãos italianos propôs a organização de uma milícia de voluntários para defender os Lugares Santos.

As eleições na União Sul Africana deram a vitória a Daniel Malan chefe do partido nacionalista, sendo derrotado o Marechal Smuts.

O partido nacionalista da União Sul Africana quer um governo republicano separado da coroa britânica.

A Turquia já recebeu da América mil milhões de dólares de material de guerra e equipamento.

Poderosas forças governamentais chinesas lançaram grande ofensiva contra a base comunista de Yencheng.

Marshall, num recente discurso, afirmou: «O método da moderna propaganda totalitária é deturpar, perverter, confundir, torcendo a situação real e que a atmosfera diferente seria criada se os russos abandonassem as suas tendências de conquista.»

A Rússia utilizou pela 24.ª vez o direito de veto no Conselho de Segurança quando se votava uma moção para estabelecer uma comissão para investigar o caso da intervenção russa na Checoslováquia.

Chegarão a Londres mais deputados fugitivos da Checoslováquia a reunir-se aos colegas que há pouco também conseguiram fugir. Com os que chegaram agora veio uma mulher. Elevam-se a mais de 12 mil os checos que conseguiram abandonar a pátria.

Afirma-se que o imperador Hirohito, do Japão, vai abdicar. O boato ganhou consistência depois das críticas ao imperador por Matsumoto, vice-presidente da Câmara dos Conselheiros, que pediu a proclamação da República.

O jornal britânico «Sunday Times» pelo seu correspondente em Madrid diz supor que os Estados Unidos encaram favoravelmente o projecto de atribuir um crédito de 10 milhões de dólares à Espanha para a compra de maquinário para os aeródromos.

A comissão económica que estuda o projecto da União Aduaneira, de que Portugal faz parte, chegou a conclusões satisfatórias para a abolição de barreiras alfandegárias e outras restrições ao comércio. Encerrou agora os trabalhos para voltar a reunir em Setembro.

As cheilas do rio Columbia arrastaram a cidade americana de Van Port, de 42 mil habitantes. Mais de 20 mil pessoas fugiram e centenas de casas permanecem sobre os telhados aguardando salvamento. O maior número de vítimas são crianças que brincavam na rua quando rebentaram os diques. O triste acontecimento foi classificado o maior acontecimento da história do Pacífico.

As cheilas do rio Columbia arrastaram a cidade americana de Van Port, de 42 mil habitantes. Mais de 20 mil pessoas fugiram e centenas de casas permanecem sobre os telhados aguardando salvamento. O maior número de vítimas são crianças que brincavam na rua quando rebentaram os diques. O triste acontecimento foi classificado o maior acontecimento da história do Pacífico.

O Cardeal Spellman, em visita aos centros católicos do Extremo Oriente, esteve em Macau onde foi muito aclamado. No dia 3 do corrente foi recebido por Chiang-Kai-Shek. O prelado americano faz-se acompanhar de treze dignitários.

COMUNISMO E COMUNISTAS

(Continuação da 1.ª página)

O problema social é um problema humano, com o duplo aspecto moral e moral, mas sobretudo moral. O cristão e o sacerdote não se podem desinteressar dele, antes pelo contrário, têm o dever de se preocupar dele.

Para não citar outros textos senão os mais recentes, recordamos um discurso de Pio XII, de Setembro do ano passado (Lumen, Nov. de 1947), aos Homens da Acção Católica:

«Confirmamos o que tivemos

POR ONDE ANDAS, «EDUCAÇÃO»?!

Cinco horas da tarde. Senhoras, crianças, homens, enchiam um eléctrico da carreira Arco do Cego-Santo Amaro, desta «Cidade de Ulisses e... de tollices» (a frase é dourém). Chegado à Praça do Comércio, um pouco antes da paragem, ouve-se um cavalheiro (!) gritar, junto a um dos bancos da frente:

«O Senhor é malcriado!» «Malcriado, porque?», replicou o outro que era precedido por uma senhora e que tinha já transposto a porta da frente.

«Ora essa! Então dá-me um empurrão e nada quer que lhe diga?» «Pois claro, talvez eu não tenha razão... Vinha esta senhora a passar, pedi-lhe licença, e o sr. ficou na mesma!»

E as réplicas iam crescendo de intensidade sonora e... indecorosa.

(Continua na 8.ª pág.)

Será isto também fazer política ou religião? No mesmo discurso, dirigindo-se ainda aos Homens da Acção Católica, acrescenta Pio XII:

«A sua finalidade última (da Acção Católica) é recuperar o perdido e avançar para novas conquistas. Por isso vos não deveis inquietar-vos até que os grupos de homens cultos e a parte dos trabalhadores que por infelizes contingências se afastaram de Cristo e da Igreja tenham encontrado o caminho do regresso. Não vos fecheis, pois, em vós mesmos, mas lançai-vos para a frente nas fileiras alheias para abrir às riquezas da fé católica os olhos dos enganados e dos iludidos. Talvez sómente mal-entendidos, mais frequentemente ainda uma completa ignorância, os separem de nós. Não poucos de entre eles esperam talvez da vossa parte um coração amante, uma explicação aberta, uma palavra libertadora. Na arte de ganhar os homens, podeis aprender alguma coisa até com os vossos adversários. Melhor ainda, aprendei com os cristãos dos primeiros séculos!».

Nada mais precisamos de acrescentar senão talvez que não temos medo. Quem ama, não teme. Ora se trabalhamos por amor dos irmãos, não temos que temer nem este nem aquele perigo.

Atiãs assim no-lo ensina o mesmo Pio XII: «Nenhum cristão tem o direito de dar sinais de estar cansado da luta contra a onda irreligiosa da hora presente. Pouco importa quais possam ser as formas, os métodos, as armas, as palavras ridículas ou ameaçadoras, o disfarce com que se encontre o inimigo. A ninguém se poderia perdoar que ante esta onda se quedasse de braços cruzados, cabeça baixa e as pernas a tremer.» (Mensagem do Natal de 1946).

E se nos perguntarem se confundimos acção social com acção religiosa, diremos que, embora não as confundindo, as unimos numa só acção, porque até a oração do cristão o impela a pedir o pão nosso de cada dia.

Aprenhamos economia PRODUÇÃO (V)

DO ESTRANGEIRO

Psicótica. Aprendido este «palavra», vamos estudar a sua aplicação e os seus efeitos.

Vimos que a primeira coisa a fazer era determinar as qualidades físicas e psicológicas exigidas para a execução óptima duma tarefa. Que depois era necessário seleccionar os indivíduos que as possuem. Ora aqui é que, em primeiro lugar, intervêm os métodos da psicótica na sua aplicação ao trabalho: seleccionar.

Outros os indivíduos escolhiam a sua profissão conforme as suas tendências pessoais, as condições do seu meio, ou até as possibilidades práticas ou as necessidades familiares. Hoje as aptidões de cada indivíduo podem ser estudadas e medidas a rigor pelos institutos ou serviços de orientação profissional. Quando alguém se julga inclinado para determinada profissão, pode ser desaconselhado pela orientação profissional em virtude de esta ter descoberto qualquer contra indicação não aparente. Contudo a orientação profissional não espiche que um indivíduo pode ter aptidões para

mais do que uma profissão e mais do que uma tarefa, nem tampouco que o indivíduo pode evoluir com o seu desenvolvimento físico. A orientação profissional deve ser, portanto, indicativa.

Depois da selecção feita pela orientação profissional, a psicótica intervém novamente na aprendizagem. Na oficina, a aprendizagem é empírica, isto é, a olho. O aprendiz vê como faz o operário mais velho, imita-o mesmo nas suas imperfeições e erros. Deixado depois a si mesmo com vigilância deficiente, estratégia muita produção antes de se tornar um operário perfeito. Isto é um autêntico prejuízo para todos. A psicótica prepara rapidamente o aprendiz nos «laboratórios» onde aparelhos musculares o forçam a uma grande disciplina de gestos para que nenhum se torne inútil ou prejudicial e assim o aprendiz, com bastante rapidez adquire o automatismo adequado, a consciência da perfeição e o equilíbrio do esforço.

Finalmente, a psicótica faz depois a distribuição do pessoal pelas diferentes tarefas conforme as indicações de orientação profissional e da aprendizagem. O operário começa a ser um trabalhador especializado e um técnico competente.

As vantagens da psicótica sob o ponto de vista do rendimento ou produtividade do trabalho são incontáveis. Logo saltam à primeira vista e podemos mesmo afirmar que são indispensáveis no dia de hoje para um aumento de salários sem aumentar o custo da produção.

Estas vantagens trazem contudo, sob o ponto de vista humano e social grandes inconvenientes.

TEM O GOSTO DO CAFÉ

NÃO CONTÉM CAFEÍNA

Trata-se hoje de corrigir por todas as formas estes gravíssimos inconvenientes, não só elevando a cultura dos trabalhadores, proporcionando-lhes distrações e ambiente agradável de trabalho, mas chamando-o também a uma colaboração mais activa e inteligente no desenvolvimento da própria técnica, porque ela, tendo aviltado o homem, tem de ser por este dominada sob pena de ruína total do factor humano da produção, isto é, do factor espiritual e mesmo religioso da produção.

Mas como voltaremos ao assunto no capítulo da «Repartição», ficamos hoje por aqui.

PAGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

OS "SPORTINGS" -PAI E FILHO!- GANHARAM OS CAMPEONATOS DAS I E II DIVISÕES

O Sporting «conservou» o título de Campeão de Portugal. Embora igualado em pontos (41) com o Benfica, que o perseguiu ombro a ombro na «recta final» do Grande Torneio, o triunfo foi-lhe averiado, à face do Regulamento Português, pela diferença mínima de um gol — resultante dos desafios disputados entre os dois velhos rivais. Na primeira «volta», os encarnados tinham ganho por 3-1; mas na segunda venceram os «leões» por 4-1.

Recorrendo-se, todavia, ao «goal-average» total, o Sporting da Covilhã ficou em primeiro lugar por 17-7, contra 13-7 do Clube de Futebol Barreirense.

É curioso o facto do Campeão da II Divisão ser uma filial do Campeão da I. Tal pai, tal filho...

A Cuf do Barreiro pertenceu a terceira classificação, enquanto o Famacão (que desiludiu nas últimas jornadas) teve de aguentar com a «lanterna vermelha».

Na «épouqe final» desta II Divisão registaram-se sete vitórias «em casa» e apenas uma «fora». Houve cerca de empatos. Na totalidade, marcaram-se 48 golos — à média exacta, portanto, de 4 tentos por encontro.

Só o Famacão teve «goal-average» negativo (6-23), visto que os três restantes obtiveram: Covilhã (17-7), Barreirense (13-7), e Cuf (12-11).

Rafael abandonou definitivamente o futebol.

No dia 28 do mês passado o conhecido internacional Rafael Correia despediu-se das lides oficiais futebolísticas, organizando a sua festa de despedida a que ocorreu — felizmente! — bastante público.

Rafael viu, na hora daabalada, inúmeras provas de carinho e simpatia. Recebeu várias prendas e aplausos infindáveis.

Do programa constaram três encontros de futebol.

No primeiro, o Oriental derrotou por 2-1 o Atlético.

No segundo, a equipa infantil de Belem empatou a zero bolas com um mixto das Restantes Escolas.

E no terceiro o Elvas venceu por 3-2 o Belenenses. Pelo grupo «azul» alinharam os antigos jogadores do clube: Elói (presentemente em Braga), Gilberto (no Portimonense) e Franklim (no Vitória de Guimarães). Rafael cedeu, em determinada altura, o seu lugar de extremo esquerdo ao actual titular Narciso.

...E assim desapareceu dos nossos campos mais um grande valor: Rafael. Oxalá outros surjam — porque hem precisos são!!!

Jogos de «passagem» entre clubes da I e II Divisões

Estavam anunciados para domingo passado os quatro desafios de competência entre os classificados das meias-finais da II Divisão e os últimos dos vários «Grupos» da II.

Em virtude, porém, do guarda-redes Dêlo do Desportivo da Cova da Piedade ter sido seleccionado para o desafio internacional de andebol França-Portugal, ficou adiado para amanhã o encontro Operário de Lisboa-Cova da Piedade.

Nos outros três jogos verificaram-se os resultados seguintes:

Em Lameço, o Sporting de Fafe venceu o Salgueiros do Porto por 4-0, sob a arbitragem de Natividade da Silva (Aveiro).

No Fontelo, em Viseu, o Académico venceu o Sport Lisboa e Viseu por 5-0, sob a arbitragem de Rogério Melo Paiva (Lisboa).

E no Pragal, em Almada, o Desportivo de Faro derrotou por 2-0 o Lusitano de Évora, num desafio que o árbitro (Abel Ferreira), de Lisboa, fez terminar aos 60 minutos — após a expulsão de três jogadores eborenses.

O «TRABALHADOR» É VENDIDO:

- em Torres Vedras na Gráfica Torreeana
- em Albergaria-a-Velha por Augusto Ferreira Martins Pintalho
- em Chaves por Francisco Morais
- em Coruche por João Evangelista Pereira
- na Covilhã por António Tarouca
- no Entroncamento por António Maria Vilar
- no Estoril na Tabacaria Parque
- em Estremoz por João Manuel Sardinha
- em Évora por José Augusto Correia
- em Gouveia na Tabacaria Central
- na Guarda por Manuel Vinhas
- em Lagoas por Luís C. Segurado
- em Leiria por Baltazar Rodrigues e Livraria da Moda
- em Benfica por Tabacaria Nélita e Tabacaria Lago
- na Boa Hora por Hugo Trav. da Boa Hora à Ajuda, 12

No simpático «Torneio das Escolas de Jogadores» realizar-se-á amanhã 6.ª jornada que comporta os seguintes desafios:

às 9.30 horas Oriental-Atlético às 10.30 > Sacav-Barreirense às 11.30 > Belenenses-Cuf Bar. às 12.30 > Casa Pia-Estoril

No domingo último, a 5.ª ronda forneceu resultados que influíram grandemente na classificação geral. Ora vejamos:

— O Casa Pia venceu por 3-1 o Barreirense, sob a arbitragem de Luis Gaspar.

— O Atlético derrotou por 4-0 o Sacavense, sob a arbitragem de Octávio Ribeiro da Costa.

— O Belenenses venceu por 2-1 o Oriental, sob a arbitragem de João Almeida Júnior.

— E o Estoril derrotou a Cuf do Barreiro, por 2-0.

A tabela das classificações encontra-se presentemente assim estabelecida:

Realmente, covilhanenses e barreirenses terminaram a poule final em-

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Brilhante sarau internacional de ginástica promovido pelo Lisboa Ginásio Clube

Sem aliás ter surpreendido ninguém, o sarau de ginástica que o Lisboa Ginásio Clube promoveu com a colaboração dos especialistas suíços, espanhóis e do Sport Clube do Porto, redimido num êxito mais para o prestigiado Instituto de Educação Física.

O festival efectuou-se no Coliseu e embora não pudessem actuar em plena pista, os atletas nele participantes, especialmente os olímpicos helvéticos, impressionaram admiravelmente quantos tiveram a sorte de assistir a tão brilhante sarau.

Esta semana ainda, e com a participação de ginastas suíços, realizou-se no Pavilhão dos Desportos, outro festival — organizado pelo não menos prestigiado Ginásio Clube Português.

A coincidir com estas interessantíssimas manifestações de Educação Física, o professor sueco Agne Holmström está em Lisboa, onde proferiu já uma notável conferência sobre o método de Ling. Não há dúvida de que a ginástica está de parabens.

Um record nacional batido e dois iguais entre portugueses e franceses do «PUC»

Teve o Sporting Clube de Portugal felicíssima oportunidade de prestar um belo serviço ao atletismo português, convidando a categorizada equipa do Paris Université Club a deslocar-se a Portugal.

O encontro, sensacional a todos os títulos, principalmente por estarmos no princípio da época, não terá proporcionado boa compensação financeira aos seus organizadores — mas fora de dúvida que redimiu num magnífico espectáculo desportivo.

Bateu-se o record nacional de 200 metros (Nuno Morais, 22.ª) e igualaram-se os máximos portugueses dos 100 metros (Nuno Morais, 10.6) e do salto em comprimento (Álvaro Dias, 7 m. 34).

Os franceses, fazendo alarde da sua classe, ganharam o encontro somando 6 vitórias contra 4 dos portugueses. Mas os atletas do Sporting e da Liga dos Antigos Alunos do Colégio Militar (o Benfica não pôde ou não quis participar no torneio — o que se lamenta) não ficaram diminuídos — e aprenderam alguma coisa.

Jorge Monte Real ganhou o 2.º «Rally» Internacional a Lisboa

Terminou ontem no Estoril, com as provas complementares, o 2.º «Rally» (é assim a grafia do termo em inglês, «Rally» é a expressão deturpada pelos franceses) promovido pelo Automóvel Clube de Portugal, com o patrocínio do «Diário de Notícias» e «O Século».

Dentre os principais de uma centena de concorrentes, chegaram a Lisboa 88 corredores, 53 dos quais partiram de Lisboa e do Porto.

Jorge Monte Real, depois de luta brilhante travada especialmente com o portuense Clemente Meneres, conquistou o primeiro lugar.

A prova despertou interesse extraordinário — e foi organizada impecavelmente pelo Automóvel Clube de Portugal.

No queie em patins tem havido entusiasmo demasiado — e grandes surpresas

O Campeonato do Sul de Quel em Patins deste ano, parece, decididamente, fadado para proporcionar grandes surpresas.

A primeira verificou-se em Sintra, onde o clube local bateu a Amadora por 15-11. Da segunda e da terceira foi igualmente protagonista o Clube de Sintra, consentindo um empate frente ao Cascais (2-2), e uma derrota perante o Odivelas (2-4).

Estes resultados têm fornecido redobrado interesse ao Campeonato — a juntar ao entusiasmo natural que a prova desperta sempre. Todavia é bom que os jogadores se lembrem de que esse entusiasmo não pode — nem deve — redundar em desvalorização duma modalidade, cuja categoria não tolera já manifestações de descortesia ou de... maus instintos.

Alteração nos horários dos comboios e automóveis

A partir de 1 de Junho próximo sofrem alterações os horários dos comboios e automotoras das linhas do Sueste e de Évora, Mora, Guadiana e Portalegre, sendo estabelecidas novas marchas e modificadas outras.

Na linha do Dão, a partir da mesma data, são tornadas «rápidas» as marchas de algumas automotoras, modificadas outras e ainda estabelecidas novas circulações de automotoras e comboios.

por CARLOS BRANCO

O PROBLEMA DA IMPRENSA

Há já algum tempo que deixamos em suspenso a análise que vínhamos fazendo do problema da imprensa no mundo de hoje. Não é para continuar essa análise que retomamos o assunto. Uma certa falta de elementos, proveniente de ainda se não terem podido aclarar determinados aspectos da questão (por exemplo, a Comissão Inglesa de Inquérito sobre a Imprensa ainda está a ouvir depoimentos, e ainda não se podem ter os resultados do seu trabalho), leva-nos a pôr ponto final abruptamente.

Mas não o queremos fazer sem chamar a atenção para a importância das linhas mais gerais do tema.

De um lado, encontramos, nos países comunistas, uma imprensa inteiramente nas mãos do Estado. Como poderia esta exercer a sua função de formadora e expressão da opinião pública?

Evidentemente que não pode. Poucas pessoas, podendo evitá-lo, estão dispostas a deixar que as critiquem, e ainda para mais publicamente. Aqui

a subordinação a interesses que não são os da simples verdade apresenta-se completa.

O sr. Bénéš quando, antes do golpe de Estado comunista na Checoslováquia se encontrava como presidente da República com um governo com fortes influências comunistas afirmava que a imprensa é um serviço público e concluiu daí, pelo menos por actos, que ela se deve encontrar dominada pelo poder executivo. Esta ideia do domínio do poder executivo sobre a imprensa assenta no sofisma, expresso por palavras ou actos, de que o único órgão da consciência nacional é o executivo. A imprensa checoslovaca é mais uma calada.

Também na Argentina, o Governo dá indícios de que gostaria de ir por um caminho paralelo, e se, depois do que se lhe tem feito, se não tomam medidas radicais contra um jornal não-peronista como «La Prensa», parece ser com receio de que ela passe a publicar-se na capital do Chile.

Por outro lado, fala-se cada vez

mais na Inglaterra e Estados Unidos do perigo dos monopólios da Imprensa (há cidades onde só há um jornal, há grandes grupos proprietários de cadeias de jornais e revistas) e do perigo da sobreposição dos interesses comerciais das empresas proprietárias dos jornais, às exigências da verdade. Contudo, embora estes perigos sejam reais e se manifestem na prática, não podemos comparar a liberdade da Imprensa inglesa, americana ou francesa com a da Imprensa dos países totalitários.

A dependência em certa medida dos donos dos jornais em relação aos profissionais que os fazem, a categoria da consciência profissional destes (e tal consciência pesa muito mais do que os fanáticos da crença das conveniências materiais como única causa dos actos humanos julgam) a emulação e concorrência entre as gazetas, tudo isso contribuiu para que a liberdade não seja afogada. Na verdade, Francis Williams pôde declarar, perante a Comissão de Inquérito à Imprensa inglesa, que quando era director do «Daily Herald», as «Trade-Unions» e o Partido trabalhista não alteraram artigos de fundo, mas os administradores da imprensa faziam-no. O trabalho do «Daily Herald» queria uma política consciente do perigo atenuado e a sua administração temia que os artigos sobre a guerra afastassem os anunciantes. Contudo, o jornal publicou tanto sobre o assunto que o conservador Churchill nessa altura em desacordo com a política pacifista do seu partido chegou a felicitar o órgão trabalhista pela sua atitude.

A solução do problema da Imprensa está numa grande colaboração entre o povo e os jornais. Se o povo souber preferir o jornal sério, apoiá-lo, dar-lhe a liberdade necessária para agir, e obrigará os outros a mudarem de orientação. Mas, se o povo não vê a gravidade do caso, e se os jornais abdicam da sua consciência de servidores da comunidade, então a Imprensa torna-se inútil e prejudicial.

de tendência ao infinito, a mais nobre, a mais sublime perfeição de que pode ser alvo um ser criado.

E não será a ânsia da imortalidade a prova mais evidente da imortalidade do homem? Não será ela a mais convincente prova do destino eterno deste ser vivo, inteligente, livre e de vontade?

ACÁCIO RAMOS

O HOMEM DE TRABALHO

I) — EM SI MESMO

Muito embora não possamos, em absoluto, desligar o homem dos objectivos das suas relações, isolá-lo, por momentos e é hipoteticamente, em si próprio, no intuito de melhor o conhecermos tal como é.

Se bem analisarmos o conceito «Homem de Trabalho», concluiremos, sem esforço, que poderemos desdobrá-lo nos seguintes: «Homem e «Trabalho».

Também estes dois conceitos, embora inseparáveis, irão ser analisados cada um de per si, a fim de que mais e mais chegamos a uma íntima que se enlaça e a força com que mutuamente se atraem.

Muito o homem tem escrito, dissertado e discutido sobre si mesmo e, muitas vezes, decerto, sem olhar para si. E para que cada um consigo olhar bem para si, tem de muito bem fechar os olhos.

O Homem é o animal que ri, diz um; o animal que chora, afirma outro; o ser que ama, alivista este; o ser apaixonado, grita aquele; o ser inteligente, concluem os sábios; o rei da criação, concluem ainda outros.

Alguém dirá, talvez por aí mais se não abalançar, que o homem é... homem, afirmando, assim, quanto se tem dito e principalmente, quanto está por dizer, pela pouca elasticidade da própria língua.

O que é o homem do nosso pensamento, sente-o o nosso coração? É tão complexa e simultaneamente tão simples a definição de homem que a podemos beber nesta singela afirmação:

«O único ser em que o Autor da natureza inteira investiu algo de si mesmo».

Complexo sublime deve ser o homem, objecto de tamanha predilecção? Pequeno mundo mais sublime que o próprio mundo, é decerto aquele para quem o mesmo mundo foi criado e existe.

O homem é um ser vivo, de vida eterna; inteligente, de inteligência brilhante; ser de vontade que quer e ordena, mesmo quando não quer; ser livre, até ao ponto de, enveredando por sendas tortuosas e erradas, se considerar livre no abuso de tão nobre e ambicionada perfeição.

Como ser vivo, porém, sente que parte da sua vida lhe escapa pouco a pouco, que nela não tem o poder que a sua vontade quer ter; e é ainda a vontade que impera, impelindo a inteligência a agir, na conservação da vida terrena, o homem manifesta-se um ser perfeito, pois não quer perder nem mesmo esta parcela, a menos perfeita, da perfeição que é a vida.

Nesta atitude o homem revela-se

de tendência ao infinito, a mais nobre, a mais sublime perfeição de que pode ser alvo um ser criado.

E não será a ânsia da imortalidade a prova mais evidente da imortalidade do homem? Não será ela a mais convincente prova do destino eterno deste ser vivo, inteligente, livre e de vontade?

O SENTIDO DA IMPORTÂNCIA

O espírito precisa de alimento como o corpo, sob pena de definir e aniquilar-se nos seus mais nobres sentimentos, com reflexos irreparáveis no embolamento da sensibilidade moral. O corpo sem alimento arruína-se, morre. O espírito sem alimento degrada-se, avilta-se.

Mas de que espécie de alimento precisa o espírito? É grande a variedade de alimento do espírito, tal como sucede com o corpo.

Não vamos nem sequer enumerá-los mas apenas nos referimos a um — a a estima dos outros, a consideração.

Para se conseguir que alguém fale determinada coisa, só há um meio. É conseguir que esse alguém queira fazer essa coisa.

Não há outro meio. Um gatinho pode palmar a carteira, mas só de revolver aperrado.

Um empresário pode conseguir, com a ameaça de despedimento, que um empregado trabalhe com afinco... enquanto está presente. Quando volta às costas, é o que se sabe.

A ameaça é um método nada eficiente e de repercussões por vezes desagradáveis. O único modo de conseguir que alguém fale determinada coisa é levar esse alguém a querer fazer essa coisa.

Como?

— Captando-lhe a estima.

Dizia o famoso Sigmund Freud, que os dols móbeis da acção do homem são o impulso sexual e o desejo de ser grande.

O desejo de ser grande! O desejo de se tornar importante!

A saúde, a conservação da vida, a perpetuação dessa vida através dos filhos, o bem-estar, o dinheiro, todos os motivos que possam levar o homem a agir, não têm o valor que

DE BOM HUMOR...

OS ANIMAIS SÃO O ESPELHO DOS HOMENS

Quando vamos a escrever este artigo, hesitámos sobre se devíamos empregar, para traduzir a ideia central que nos levou a pegar na pena, o verbo escouçar, ou escouchinar. O leitor que escolha, à sua vontade. O que queremos dizer é que o cavalo, ou o burro, ou qualquer outro animal parecido com estes dois quando lhe dão uma chicotada, escouchina. Já assistiram à cena, não é verdade?

Ela deve estar na memória de muitos, pelo que dispensa descrição... É natural, a uma chicotada corresponde instintivamente um coice, a nova chicotada, novo coice, e assim sucessivamente, até o carrocero se cansar.

Podíamos ficar toda a vida, emperados neste disco, mas julgo que o leitor já compreendeu, ou por outra, já tirou, antes de nós a conclusão a que queríamos chegar: os animais, quaisquer que eles sejam, devem ser bem tratados: boa razão, horário de trabalho, uma libré, perdão, uma albarda e arreios razoáveis, e estrebarda seguindo os preceitos higiénicos, e acima de tudo, ou antes de tudo, a abolição do chicote. O chicote (nunca experimentámos, felizmente) magoa. É possível que já tenham chegado a essa conclusão, antes de nós, o célebre (não sei se é se não é) escritor francês La Palisse, e o nosso portuguêsíssimo Calino. Conhecemos-nos?

A abolição do chicote deve ser a aspiração máxima dos animais de tiro. Para poderem tirar as carroças, os cavalos e os burros, precisam, bem entendido de bom passado e, principalmente, que lhes tirem o chicote do lombo. Um assobio, um nome ou alguma familiar, umas palmadinhas amigas, tudo isso dispõe bem o animal e perante essas deferências do patrão mal se sentiria com o seu orgulho profissional, (cavalo ou burro, conforme) se fraquejasse ou se nequiasse a puxar.

Admira até que a Associação Protectora dos Animais, cuja acção tem sido das mais inteligentes e eficazes, não tenha conseguido, ainda, acabar com esse processo bárbaro de estimular os animais ao trabalho.

Naturalmente, ainda nem sequer se lembrou disso. No caso de assim ter acontecido, aqui fica o alvitre...

UM AGRADECIMENTO À COMPANHIA CARRIS

Num dos últimos dias da semana passada inaugurou a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, notável número de carreiras de autocarros. Não podemos deixar por isso de expressar o nosso agradecimento, à dita, por tal motivo.

Gostamos de ver os seus elegantes veículos riscar de verde o panorama das ruas e praças lisboetas, sobretudo o dos bairros excêntricos, até à data privados de transportes.

Mas o nosso agradecimento não tem propriamente origem na satisfação por este caminhar da cidade, no sentido de alcançar, em progresso, algumas capitais estrangeiras.

Quem tem dificuldades na vida torna-se facilmente egoísta, gozajando-se acima de tudo com aquilo que possa trazer-lhe algum conforto pessoal.

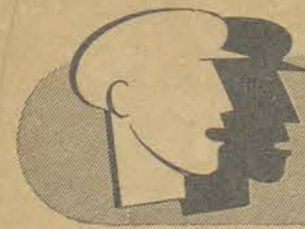
E é assim, por vermos satisfeito o nosso egoísmo, que formulámos este agradecimento.

É certo que se um de nós habita no Bairro Lopes, ao Alto de S. João, e trabalha nas docas de Alcântara, não lhe convirá muito gastar \$500 por dia para se fazer transportar em autocarro, quando a mesma Companhia, ainda que com mais demora e menos comodidade lhe proporcionará a viagem de ida e volta por \$100 apenas.

Mas enfim! Nem sempre o diabo está atrás da porta, e quando a coisa corre bem, lá chega um dia em que, de gravada e fato domingueiro, nos felizes do céu um passeio a Belém a ver a fonte luminosa da Alameda D. Afonso Henriques!

Então, julgamos que devemos de ter um prazer enorme, em subir para um autocarro e pedir ao «condutor» com ar de quem anda todos os dias naquilo: um de 2..., um de 25.

A transformação social tem de fazer-se de dentro para fora e não de fora para dentro. É dentro de cada um que a batalha se tem de vencer.



a voz dos nossos camaradas

«Li no jornal «O Trabalhador» a notícia de que todos os desempregados se devem inscrever, pois o Comissariado do Desemprego, procura acudir a todos. Fiquei muito contente por, tendo sido desempregado há 3 meses, tenho-me visto em sérias dificuldades, por não ter encontrado ainda trabalho. Por vezes, chega-me desespero, mas agora fico com mais confiança... Que me diz sobre a minha situação tão triste?»

Abílio da Silva Teixeira

Existem duas instituições que o podem auxiliar: a Obra das Mães pela Educação Nacional e o Instituto Nacional para a Defesa da Família. É preciso dirigir-se a ambos, sobretudo ao segundo, (Praça do Brasil — Lisboa), indicando a sua direcção e demais indicações. Estamos certos de que será auxiliado. Se lho pudermos ser úteis, de bom grado.

Francisco Ferreira Brito Guimarães

«Como, V. Ex.ª, sabe a Câmara Municipal de Lisboa vender, na Avenida de Roma, terrenos, relativamente em conta, para neles serem construídas casas de rendas acessíveis, o que a classe média recebeu com regozijo, na esperança de, embora com sacrifício, poder enfim deixar de viver em partes de casa, e ver realizado o seu sonho ardente: ter um lar próprio. Porém, é misterioso o senhorio ou quem o representa nunca chegam a uma combinação definitiva com aqueles que os procuram frequentemente, para alugar as mesmas. Uma vez informam que não estão acabadas, outras que ainda não foi a vitória e por fim que já estão alugadas a outras pessoas. Quem serão estes felizes mortais que tão misteriosamente conseguem ser premiados?»

Dizem as «más línguas» que há quem ofereça alguns contos de reis para ser preferido mas, de concreto, se se sabe que nisto tudo há mistério, muito mistério!

Quem nos poderá elucidar sobre tão magno assunto?

Creia-me, Senhor Director, sinceramente reconhecido se me publicar minha carta, pois assim talvez algo se saiba que possa decifrar este mistério».

Augusto Teixeira Marques

R. do Marquês de Sá da Bandeira, n.º 108-3, Lisboa-Norte

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES 5-A a 5-D // LISBOA

Boletim Mundial O FIM DO PETRÓLEO?

Os sábios lá têm as suas razões científicas para nos provarem, segundo as últimas estatísticas dos livros da especialidade e de elementos que temos à mão, que os grandes jazigos petrolíferos mundiais, em face do extraordinário consumo do precioso «ouro negro» nos últimos tempos, não poderão abastecer o mundo mais do que vinte anos.

Valha a verdade, e por muita consideração que tenhamos pelos seus cálculos, que aí por altura de 1925, fase em que ainda se estaria na infância do consumo do petróleo a comparar com os gastos actuais, já se dizia a mesma coisa, ou pior do que isso, pois que então se calculava os jazigos do precioso líquido durarem somente sete anos. O engano de então está à vista, o que agora se prognostica pode ser que venha a ter idéntico desmentido.

Pelo sim, pelo não, os Governos vão tendo o cuidado de recorrer a outras fontes, procurando um «ersatz» no petróleo sintético. Por uma exposição feita, ainda não há muito tempo, no Parlamento americano — aqui o Ministro do Interior dos Estados Unidos calculava que as riquíssimas reservas estariam esgotadas dentro de dez anos — sabe-se que a Admissão de Washington resolveu entrar em grande propagação do fabrico dos elementos necessários — a cabeça dos quais está o hidrogénio, e logo a seguir o óxido de carbono — e de depender avantajadas quantias no amanhã do gás, que em tanta abundância está misturado no mais rico elemento natural, a água, mas cujo desdobramento e extracção resultam em grave sobrecarregamento pecuniário para tal indústria.

maquã instituição que me auxiliasse na sustentação dos meus filhos, sobretudo das duas gêmeas. Gostaria que «O Trabalhador» me ajudasse a obter este auxílio».

«Li no jornal «O Trabalhador» a notícia de que todos os desempregados se devem inscrever, pois o Comissariado do Desemprego, procura acudir a todos. Fiquei muito contente por, tendo sido desempregado há 3 meses, tenho-me visto em sérias dificuldades, por não ter encontrado ainda trabalho. Por vezes, chega-me desespero, mas agora fico com mais confiança... Que me diz sobre a minha situação tão triste?»

Abílio da Silva Teixeira

Existem duas instituições que o podem auxiliar: a Obra das Mães pela Educação Nacional e o Instituto Nacional para a Defesa da Família. É preciso dirigir-se a ambos, sobretudo ao segundo, (Praça do Brasil — Lisboa), indicando a sua direcção e demais indicações. Estamos certos de que será auxiliado. Se lho pudermos ser úteis, de bom grado.

Francisco Ferreira Brito Guimarães

«Como, V. Ex.ª, sabe a Câmara Municipal de Lisboa vender, na Avenida de Roma, terrenos, relativamente em conta, para neles serem construídas casas de rendas acessíveis, o que a classe média recebeu com regozijo, na esperança de, embora com sacrifício, poder enfim deixar de viver em partes de casa, e ver realizado o seu sonho ardente: ter um lar próprio. Porém, é misterioso o senhorio ou quem o representa nunca chegam a uma combinação definitiva com aqueles que os procuram frequentemente, para alugar as mesmas. Uma vez informam que não estão acabadas, outras que ainda não foi a vitória e por fim que já estão alugadas a outras pessoas. Quem serão estes felizes mortais que tão misteriosamente conseguem ser premiados?»

Dizem as «más línguas» que há quem ofereça alguns contos de reis para ser preferido mas, de concreto, se se sabe que nisto tudo há mistério, muito mistério!

Quem nos poderá elucidar sobre tão magno assunto?

Creia-me, Senhor Director, sinceramente reconhecido se me publicar minha carta, pois assim talvez algo se saiba que possa decifrar este mistério».

Augusto Teixeira Marques

R. do Marquês de Sá da Bandeira, n.º 108-3, Lisboa-Norte

Seja como for, arrancando o petróleo à lenhite, desenvolvendo o tão falado e tão estranho processo de conseguir que milhões de milhões de microbios transportem levisímas gotas petrolíferas das entrañas da terra até à superfície, ou recorrendo ao petróleo sintético, com base na indústria do fabrico do hidrogénio, o certo é que o problema preocupa os dirigentes mundiais.

Atribui-se à distribuição da riqueza petrolífera os seguintes números: 41% ao Próximo Oriente: 31% aos Estados Unidos; 14% à região das Antilhas, e os restantes 14% para o resto do Mundo. Como se vê o Médio Oriente mantém o récorde, aquele Médio Oriente que é a confluência de duas grandes continentes, Europa, Ásia e África, e que é ponto convergente das maiores ambições mundiais.

«Li no jornal «O Trabalhador» a notícia de que todos os desempregados se devem inscrever, pois o Comissariado do Desemprego, procura acudir a todos. Fiquei muito contente por, tendo sido desempregado há 3 meses, tenho-me visto em sérias dificuldades, por não ter encontrado ainda trabalho. Por vezes, chega-me desespero, mas agora fico com mais confiança... Que me diz sobre a minha situação tão triste?»

«Li no jornal «O Trabalhador» a notícia de que todos os desempregados se devem inscrever, pois o Comissariado do Desemprego, procura acudir a todos. Fiquei muito contente por, tendo sido desempregado há 3 meses, tenho-me visto em sérias dificuldades, por não ter encontrado ainda trabalho. Por vezes, chega-me desespero, mas agora fico com mais confiança... Que me diz sobre a minha situação tão triste?»

Abílio da Silva Teixeira

Existem duas instituições que o podem auxiliar: a Obra das Mães pela Educação Nacional e o Instituto Nacional para a Defesa da Família. É preciso dirigir-se a ambos, sobretudo ao segundo, (Praça do Brasil — Lisboa), indicando a sua direcção e demais indicações. Estamos certos de que será auxiliado. Se lho pudermos ser úteis, de bom grado.

Francisco Ferreira Brito Guimarães

«Como, V. Ex.ª, sabe a Câmara Municipal de Lisboa vender, na Avenida de Roma, terrenos, relativamente em conta, para neles serem construídas casas de rendas acessíveis, o que a classe média recebeu com regozijo, na esperança de, embora com sacrifício, poder enfim deixar de viver em partes de casa, e ver realizado o seu sonho ardente: ter um lar próprio. Porém, é misterioso o senhorio ou quem o representa nunca chegam a uma combinação definitiva com aqueles que os procuram frequentemente, para alugar as mesmas. Uma vez informam que não estão acabadas, outras que ainda não foi a vitória e por fim que já estão alugadas a outras pessoas. Quem serão estes felizes mortais que tão misteriosamente conseguem ser premiados?»

Dizem as «más línguas» que há quem ofereça alguns contos de reis para ser preferido mas, de concreto, se se sabe que nisto tudo há mistério, muito mistério!

Quem nos poderá elucidar sobre tão magno assunto?

Creia-me, Senhor Director, sinceramente reconhecido se me publicar minha carta, pois assim talvez algo se saiba que possa decifrar este mistério».

Augusto Teixeira Marques

R. do Marquês de Sá da Bandeira, n.º 108-3, Lisboa-Norte

Seja como for, arrancando o petróleo à lenhite, desenvolvendo o tão falado e tão estranho processo de conseguir que milhões de milhões de microbios transportem levisímas gotas petrolíferas das entrañas da terra até à superfície, ou recorrendo ao petróleo sintético, com base na indústria do fabrico do hidrogénio, o certo é que o problema preocupa os dirigentes mundiais.

Atribui-se à distribuição da riqueza petrolífera os seguintes números: 41% ao Próximo Oriente: 31% aos Estados Unidos; 14% à região das Antilhas, e os restantes 14% para o resto do Mundo. Como se vê o Médio Oriente mantém o récorde, aquele Médio Oriente que é a confluência de duas grandes continentes, Europa, Ásia e África, e que é ponto convergente das maiores ambições mundiais.



O ESPÍRITO E AS REALIZAÇÕES

A propósito de acção social, ouvimos com frequência muita gente boa afirmar que a salvação da classe operária, ou das outras classes, a sua volta a uma sã concepção da vida tem de ser obra fundamentalmente do espírito. Até aqui, estaria tudo muito bem, se esta justa primazia dada ao espírito não fosse muitas vezes acompanhada por um certo desprezo pelas realizações e reabilitações materiais.

Não nos vamos deter a lembrar que faz parte da tradição cristã a ideia de um mínimo vital para se levar, fora de casos excepcionais, verdadeiramente heróicos, uma vida digna. Queríamos recordar só que o espírito humano, quando não toma carne em obras, define e falha. E é também muitas vezes pelo contacto com obras impregnadas de espírito saudável, que os homens voltam à recta ordenação espiritual.

Será possível um renovo espiritual

DIZERES...

- * Olha para ti e fica-te por aí.
* Não basta ir ao rio com vontade de pescar: é preciso levar a rede.
* Um relógio é um relógio sem cordão.
* Quem nasceu para burro, mal pode chegar a ginetes.
* Os peixes vêem a isca, não vêem o anzol.

CONSULTAS

— Meu pai trabalhou com efectividade num jardim, durante quinze anos. (Já antes trabalhara mas sem regularidade). Tem presentemente 63 anos e foi suspenso (?) pelo patrões em Janeiro do corrente ano, sem qualquer indemnização.

Não serão os patrões obrigados a indemnizá-lo ou a dar-lhe novamente trabalho? Devo apresentar queixa ao Instituto Nacional do Trabalho? E em que repartição?

R. — Não tem qualquer direito. A obrigação de aviso prévio ou o pagamento de indemnização por falta desse aviso em caso de despedimento sem

A SITUAÇÃO DOS PORTEIROS

Os porteiros, segundo nos escrevem alguns, estão a ser muito mal pagos.

Escreve um deles textualmente:

Actualmente, quando um porteiro se desemprega, só muito dificilmente consegue novo emprego, e se aparece, é mal remunerado.

Ora, tudo isto tem origem no facto de haver numerosos reformados da Polícia, da G. N. R. e até do Exército que aceitam esses lugares por uma ridicularia, visto terem segundo ordenado — o da reforma. E nós, os que somos apenas porteiros, temos que nos sujeitar a receber igual ou inferior remuneração ou então a morrer de fome.

Quando topámos com a notícia o petróleo vai acabar, e de onde extrairmos alguns elementos que aqui deixamos, tivemos um sobressalto e dissemos, ingenuamente, de nós para nós e num primeiro impulso: se o petróleo vai acabar a guerra também vai acabar, visto que é pela sua conquista que a guerra deflagrou. Puno engano: o petróleo sintético vai-se fabricar para manter as guerras, para que as ambições se possam manter e tenham como satisfazer o seu objectivo principal: domar e assegurar as regiões e a exploração do petróleo natural... porque os Governos não

se fiam nos sábios e estão convencionados que os segredos da terra, apesar dos adelantados e progressivos sistemas de prospecção, podem ainda dar largos e compensadoras surpresas.

LUSITANUS

em profundidade e extensão que não vão incurridamente em realizações, as quais por sua vez vão contribuindo também para tal renovo? Julgamos que não.

Tomemos por exemplo o caso de uma cooperativa. Um pequeno número de pioneiros desejam criar uma unidade cooperativa. Lançam-nos em espírito de fraternidade, e de serviço mútuo. A medida que ela se desenvolve, se se mantêm fiel a esse espírito comunitário, muitos dos que se aproximam e através dela que descobrem, confusamente embora, mas quantas vezes de maneira bem real e prática, o que é uma comunidade e a vontade de servir. Se esses pioneiros se tivessem limitado a afirmar que constituímos várias comunidades, onde devíamos amar-nos uns aos outros como irmãos, servir-nos mutuamente, e que era preciso voltar a ter consciência disso, seriam decerto úteis, mas muitos não descobririam concretamente e na vida o significado dessas palavras e não se poriam a vivê-las.

No seu livro sobre o movimento cooperativo nos Estados Unidos da América do Norte, o P. Leo Ward conta vários exemplos dessa elevação de coração pelo contacto com essas cooperativas. Recordamos um desses episódios contado num artigo da 2.ª série de «O Trabalhador». Em certo grupo de cooperadores dizia-se que Fátima recentemente entrado para a cooperativa era um bom cooperador. Um homem já velho reservava porém a sua opinião. Perguntando porque, respondeu: —«Não sabemos ainda se ele está na cooperativa só por interesse próprio ou por espírito de serviço mútuo, e no primeiro caso não seria um bom cooperador».

Não só, evidentemente, as cooperativas nas suas variadas modalidades se podem apontar como exemplos. Comunidades de vizinhança, de trabalho e de empresa, sindicatos e organizações patronais desejosos de concorrer para as boas reformas sociais, e tanto mais se poderia apontar como indicativo do poder do espírito incarnado em realizações.

Os que falam apenas de pregar moral, pensem no que aconteceria, se o Padre Américo em vez de ter criado a sua aldeia para os rapazes sãdos, se limitasse a dizer-lhes para serem muito bonzinhos... C.

TEMAS DO EVANGELHO E JESUS DISSE...

«Viajava certo homem de Jerusalém para Jericó e aconteceu que foi assaltado pelos ladrões que o despojaram de quanto levava e o abandonaram semi-morto, profundamente ferido. Passou pouco depois por ali um rabino que, tendo-o visto, continuou o seu caminho. O mesmo aconteceu com um Levita, que também seguiu viagem sem se aproximar do ferido.

Um Samaritano, porém, ao vê-lo naquele estado, moveu-se de compaixão por aquele homem, aproximou-se, pensou-lhe as feridas com óleo e vinho, e, colocando-o na sua montada, levou-o até à próxima estalagem, cuidando dele com carinho. No dia seguinte, entregou dinheiro ao estalajadeiro, dizendo: trata-o o melhor que puderes e eu te pagarei todas as despesas que tiveres de fazer ainda. Quem dos três te parece ter sido o próximo daquele que caiu na mão dos ladrões?

— Aquele que usou de misericórdia para o injeluz. E Jesus respondeu: — Então vai e tu faz o mesmo.

(Lucas, Cap. X, vers. 30 e seqs.).

OPINIÕES

* Se queirés ver uma ideia criar raízes, tomar vulto, crescer, alastrar, persegui-a.

* Os homens têm a pedra de toque para experimentar o ouro: o ouro é a pedra de toque com que se experimentam os homens.

* Sem dinheiro faz-se o que se pode: com dinheiro faz-se o que se quer.

* A humanidade é mais pronta em galardoar as aparências do que em galardoar o verdadeiro mérito.

* Um homem só, por querer, faz muito que dez por dever.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Prossigamos com o nosso concurso de quadras que tanto interesse despertou entre os nossos leitores, e que apesar da inferioridade de algumas produções veio revelar-nos as possibilidades de alguns concorrentes.

O rei viu... como poucas vezes ria achando a maior graça ao exibir o protesto do pobre aldeão; e escusado será dizer que o compenhou generosamente do seu prejuízo...

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 21

(Enviado por Alex. Ranita)

Sejas benvindo
A minha casinha.
Que desde que entraste
Deixou de ser minh'al

Avalis enviou-nos três quadras, duas das quais transcrevemos:

1.^o
Se desta casa
Algo precisas,
Amor e caridade
São as dividas.

2.^o
Se auxílio precisas
Não fiques na rua
A casa não é só minha
Entra... também é tua.

De Vulcão é a quadra que a seguir se transcreve:

Nossa casa é pobrezinha,
Mas rica de muito amor.
Dos filhos tem a alegria
E nela vive o Senhor

Deste leitor recebemos uma da autoria de António Fajoso:

Pobrezinha a nossa casa!
Palácio dos sonhos meus:
O teu amor, o dos filhos,
A graça e benção de Deus.

Velhuco também quis brincar e conseguiu, de facto, na sua quadra, dar uma nota de bom humor:

É favor limpare os pés.
Se os trouxeres enlameados.
A casa é como tu és:
Não abundam os criados!...

Resposta se sabe...

(... e se não souber, leia um dos próximos números)

1) Que são Clépsidras? Astrolábios? Relógios de Sol? Relógios de areia? (Enviada por Alex. Ranita).

2) Sabe qual a origem e o alcance da lei agrária dos romanos? (Enviada por Alameda).

RESPOSTAS AO N.º 19

1) Substantivos epicenos são nomes de animais com uma só forma para o masculino e feminino.
2) São ambos de estilo gótico, com a diferença que o primeiro é mais primitivo e mais puro e obedece à regra cisterciense de não complicar a decoração interior dos templos.
3) Voto é a oposição de um indivíduo à resolução de um grupo em geral político.
Entre nós, por exemplo, o Chefe do Estado pode opor o veto a qualquer lei aprovada pela Assembleia Nacional.
4) Pena suspensa diz-se da pena em que os tribunais condenam um réu e que não se aplica durante o tempo durante a qual é suspensa se não houver reincidência.
5) Pois claro que não há lei nenhuma que proíba esse casamento. Simplesmente, «ele» (leitor) não pôde materialmente casar com a irmã da viúva, porque morreu.

Houve sete leitores que ingenuamente responderam não haver incoerente de espécie alguma!!

Alex. Ranita tinha interesse na publicação de todas as respostas a esta pergunta.
Nada adiantam, meu amigo, pois nada tem de famoso; e serviriam apenas para roubar espaço.

Colheita Milagrosa
por Vulcão

Luis XIV passava revista a um dos seus regimentos, na planície de Ouille, quando um lavrador que tinha semeado favas naquele campo e ali deparou com o batalhão em manobras, começou a gritar:

— Milagre! Milagre! Milagre!
Tanto gritou que o Rei o mandou chamar e lhe perguntou que milagre tinha ele visto.
— Ah! meu Senhor! foi um milagre tão grande que não podia haver outro maior! Imagine que eu tinha semeado favas neste campo, e agora em vez de um faval, nasce-me um campo de soldadinhos!...

de Junho de 1663, o exército português, sob o comando do Conde Vila Flor, derrotou os espanhóis.

Solução do problema n.º 18

Horizontais: 1 — Anala; Alcoa. 2 — Menos; Loulé. 3 — Orgal; varej. 4 — Rei; suã; ião. 5 — Azul; Peru. 6 — Amisa. 7 — Anti; Ovar. 8 — Leo; Ulim; Aça. 9 — Vimes; Algés. 10 — Ovalo; Teoro. 11 — Raras; essas. Verticais: 1 — Amora; Alvor. 2 — Gerez; Neiva. 3 — Lingiu; Tomar. 4 — Dol; Lai; ela. 5 — Asas; usos. 6 — Uriel. 7 — Alva; mate. 8 — Loaj; pãio; lés. 9 — Curje; Vagos. 10 — Olear; acera. 11 — A. E. I. O. U. rasos.

Cantinho do concorrente

Os meus amigos lembram-se dum sub-seção com este título, dirigida por LEO.

Pois bem! Nós vamos reatar a tradição.

Este cantinho fica reservado aos leitores, mas com uma condição: de a não se alargar muito, na certeza de que a sintaxe é a divisa.

Se quer sorrir...

O juiz: — Outra vez preso? Eu não lhe disse que não queria tornar a vê-lo aqui?
O réu: É certo, sr. Juiz, e eu dei esse recado de V. Ex.ª ao polícia, mas ele não fez caso nenhum.

HORIZONTAIS: 1 — Terra portuguesa, centro da região produtora do famoso vinho do Porto. 2 — Apellido do pintor português, falecido em 1916, autor do quadro intitulado «Uma mesa de Paris». 3 — Rio de Moçambique nome masculino. 4 — Pronome pessoal: a maior e mais plana das superfícies; palavra germânica, cuja tradução significa nomeado. 5 — Juntava num só; orifício no frechal dos moinhos de vento. 6 — Nome de uma cozoante; nome pelo qual são às vezes designados os Estados Unidos da América do Norte; prefixo de neopção. 7 — Nome de duas serras portuguesas; senhora. 8 — Primeiro nome do cavaleiro português que levou a bandeira nacional no castelo de Santarém, durante a sua conquista aos mouros; adquire com grande trabalho; apelido da heroína francesa, cognominada «Donzela d'Orléans». 9 — Volume enorme; que ainda não tem preparação. 10 — Cidade Indiana, conquistada por Vasco da Gama em 1498. 11 — Nome de um rei de Portugal.

VERTICAIS: 9 — Local de Moçambique, onde se travou um dos mais ruidosos combates entre tropas de Mouzinho e forças de Gungunhana. 10 — Nome de um romano que foi protector de Virgílio e Horácio, e das letras em geral. 11 — Lago italiano, no sopé dos Alpes; rio da Alemanha, que banha Munich. 12 — Rio da Suécia, no decurso do qual se encontram numerosas cascatas; girel; estabelecimento. 13 — Nome da dama que foi amada pelo neto da Rainha Santa, depois Rei de Portugal; acarície. 14 — Pronome; superior a todas as outras; símbolo químico da prata. 15 — Membro da tribo que ocupava o Peru, no momento da conquista espanhola; insecto semelhante ao grilo. 16 — Senhor; clime; povoação na margem do Rabação, no concelho de Montalegre. 17 — Cidade francesa, antiga capital da Normandia; benefício resultante do câmbio. 18 — Povoação do concelho de Vila Nova de Gaia, à beira do Douro. 19 — Vila do distrito de Évora, onde, em 8

— Toma o teu dinheiro, mamã. — Então não puseste o selo na carta!

— Não foi preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Diz-me cá, meu velho, se tivesses cinquenta libras na tua algarbeira, agora mesmo, o que pensavas?

— Convenia-me que tinha vestido o casaco doutra pessoa qualquer...

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Toma o teu dinheiro, mamã. — Então não puseste o selo na carta!

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

— Não fio preciso. Dei-te-a na caixa quando o empregado estava a olhar para outro lado. Não deu por isso.

APRENDAMOS CONTABILIDADE (II) Por DIAS NEVES PRIMEIRAS NOÇÕES (CONTINUAÇÃO)

Continuando a lição anterior, fixemos, com atenção, o exemplo que nela apresentámos e que nos servirá de base a conhecimentos muito importantes, para o bom prosseguimento do nosso curso.

Suponhamos, que quisemos saber a nossa posição em relação ao nosso amigo Américo, no dia 18 de Maio, por saldo da conta.

DEVE	AMÉRICO	HAYER	
1948		1948	
Março 7 m/ pagamento	500\$00	Fev. 3 s/ empréstimo	800\$00
Abril 10 m/ "	300\$00	Maio 15 s/ pagamento	300\$00
Maio 5 m/ empréstimo	200\$00	18 saldo a m/ favor	100\$00
	1.200\$00		1.200\$00
1948		1948	
Maio 18 Saldo à dita	100\$00		

Quando pretendemos registar as operações efectuadas com o nosso amigo Américo, com a preocupação de o fazermos de forma contabilística, o primeiro passo que demos foi obter uma folha de papel de escrita «razaõ». Uma vez na posse desta, abrimo-la e, conforme o exemplo junto, escrevemos, no cimo e ao meio, o nome do titular da conta, a pessoa com quem efectuámos as operações, e no nosso caso, Américo. Depois, na página da esquerda, em que escrevemos a palavra DEVE, registramos as importâncias que Américo recebeu e que, como sabemos já, nós deve, isto é, inscrevemos tais importâncias a débito de sua conta.

Na página da direita, escreveremos todas as importâncias que Américo nos entregou, isto é, inscrevemos estas importâncias a crédito de sua conta, porque quem entrega, tem a haver, razão porque, no cimo e à direita da página, escrevemos a palavra HAYER.

Assim, tudo o que a conta recebe é debitado, isto é, é registado no lado do DEVE ou do DÉBITO, como o que a conta entrega é creditado, porque registado no lado do CREDITO ou do HAYER.

Portanto: Débito: é escrever uma importância, porque entrada, a débito ou no lado DEVE. Crédito: é escrever uma importância, porque saída, a crédito ou no lado HAYER de uma conta. Fiquemos sabendo, desde já, que: FOLIO: é o conjunto do Devo e do Haver.

É natural, que nem sempre a soma do débito seja igual à do crédito, apresentando, assim, a conta uma diferença entre elas. A diferença entre as somas do débito e do crédito de uma conta dá-se o nome de SALDO. E o saldo chama-se a creditor, quando a soma do crédito for inferior à do débito devendor, no caso contrário, isto é, quando a soma do débito for superior à do crédito, não exemplo presente, o saldo é devendor, porque:

Soma do débito =	1.200\$00
Soma do crédito =	1.100\$00
Diferença ou saldo =	100\$00

Uma conta diz-se saldada, quando a soma do crédito é igual à do débito, ou vice-versa.
Ao saldar ou fechar uma conta, o saldo vai para o lado do nome contário quer dizer, se o saldo é devendor, como no nosso caso, vai para o lado do Haver. Não será o que fizemos, para o exemplo junto?

Transplantado o saldo para o lado do nome contrário, somam-se o débito e o crédito, que serão iguais. E o saldo repare no exemplo do presente artigo.

Feitas as somas, transam-se estas, com dois traços horizontais, como o exemplo apresenta. Nesta altura, diz-se, que a conta está fechada.
Reabre-se a conta, registando novamente o saldo, isto é, se o saldo é devendor, será creditado, no lado do Devo. Assim, fizemos no exemplo que temos estado a estudar.

Olhando ao exemplo, «Conta de Américo», do presente artigo, logo reparamos, que as somas têm de ser feitas no mesmo plano e que

VARIEDADES

Ainda o perfume

Em resposta a uma consulta, aclaramos que «óleo de Lucca» é o nome dado ao azeite de primeira qualidade, refinado. Lucca é um sítio da Itália que produz azeite finissimo e de onde veio aos ingleses o nome para um tipo de azeite muito fino.

(A receita de perfume que reproduzimos no nosso número da Páscoa era traduzida do inglês, pois os ingleses são afamados pelo seu perfume de alfazema).

Para fabricar o perfume, qualquer óleo mineral puro (consulte o seu drogista) pode fazer as vezes do azeite se não for possível encontrar este produto isento de acidez.

Cura do vício do tabaco

Esta receita serve só para quem quer curar-se. De outro modo de nada serve. Baseia-se no princípio de que o nitrato de prata torna o sabor do cigarro enjoativo.

Nitrato de prata 0,2
Peppermint em essencia ... 0,1
Água 100

Bocheche-se com esta solução várias vezes ao dia.

Para envernizar os móveis

No livro encontramos uma receita: Óleo de parafina — 3 partes. Benzol — 2 partes.

Esta receita é-nos recomendada por ser usada numa das maiores casas americanas de móveis. Submetemo-la aqui ao critério dos leitores. Parece que deixa uma superfície muito macia.

Um marceneiro amigo deu-nos uma receita que, essa sim, podemos nos garantir-las:

Óleo de linhaça
Álcool desnaturado
Em partes iguais. Tem de ser a plicado rapidamente, pois seca imediatamente, ficando uma superfície dura que se deve polir com um pano macio, depois do líquido completamente seco.

Rectificação

Onde se lia, na semana passada «Segredos para lavar a roupa» devia estar escrito «para lavar a louça». Pedimos desculpa.

QUANTO PODE O CORAÇÃO HUMANO

O coração humano é uma pequena bomba de uns 15 centímetros de altura, 10 de largura e que funciona umas 70 vezes por minuto, 4.200 por hora, 100.800 por dia e 36.792.000 por ano.

A cada pulsção o coração lança, em média, 100 gramas de sangue na circulação, 7 quilogramas por minuto, 4200 por hora e 10 toneladas por dia. Todo o sangue do corpo, que é, no máximo, 25 litros, passa cada dois ou três minutos pelo coração.

GRÇA ALHEIA

A dona da casa: — Desculpem-se o jantar não está ao vostro desejo; mas a cozinheira adoceou esta manhã...

O bebê, atalhando: — Ó mamã! Que maça! Há-de sempre dizer o mesmo a todos os convidados...

Entre amigos: — Você diz que nunca tem questões com sua mulher?
— Nunca! Ela faz a sua vontade e eu faço a dela.

O Rafael: — Aquela rapariga é muito estupidadinha. Perguntei-lhe se tinha lido «Os Três Mosqueteiros» e respondeu-me que não gostava de histórias de insectos.

A Madalena: — Ah! Onde é que eu posso arranjar esse livro? Eu entendo que sempre gostei tanto de histórias de insectos...

Accidente de automóvel. O juiz interrogou uma testemunha:
— A que distância do acidente estava você?
— Dois metros e 70 centímetros.
— O quê? Como é que você sabe isso tão bem?

— É que eu tinha a certeza de que algum palerma me faria essa pergunta. Por isso, medei previamente a distância...



ELA NÃO SABIA...

A história que aqui se conta é verdadeira e apenas lhe modificamos alguns pormenores a fim de esconder a verdadeira identidade dos personagens.

Quando conhecemos a Alice e o João já estavam desentendidos. Tinham-se casado havia oito meses.

O namoro fora curto. Quem é pobre arrisca mais facilmente o seu futuro. Materialmente nada tem a perder nem a ganhar e o que lhe vai na alma depressa o diz porque o pobre é até pobre em palavras e não sabe exprimir em termos complicados o ideal que procura na vida. Para ele tudo é simples; assim depressa se resolve:

— Sempre pensei encontrar uma como tu, segredara-lhe ele.

— Não quero outro senão a ti, respondera ela.

E fora nestas disposições que se tinham aproximado... (não foi João do altar) mãe do Registo Civil.

(Ambos tinham sido educados sem religião. Não sabiam que não deviam jurar apenas um ao outro a fidelidade eterna, mas também a Deus).

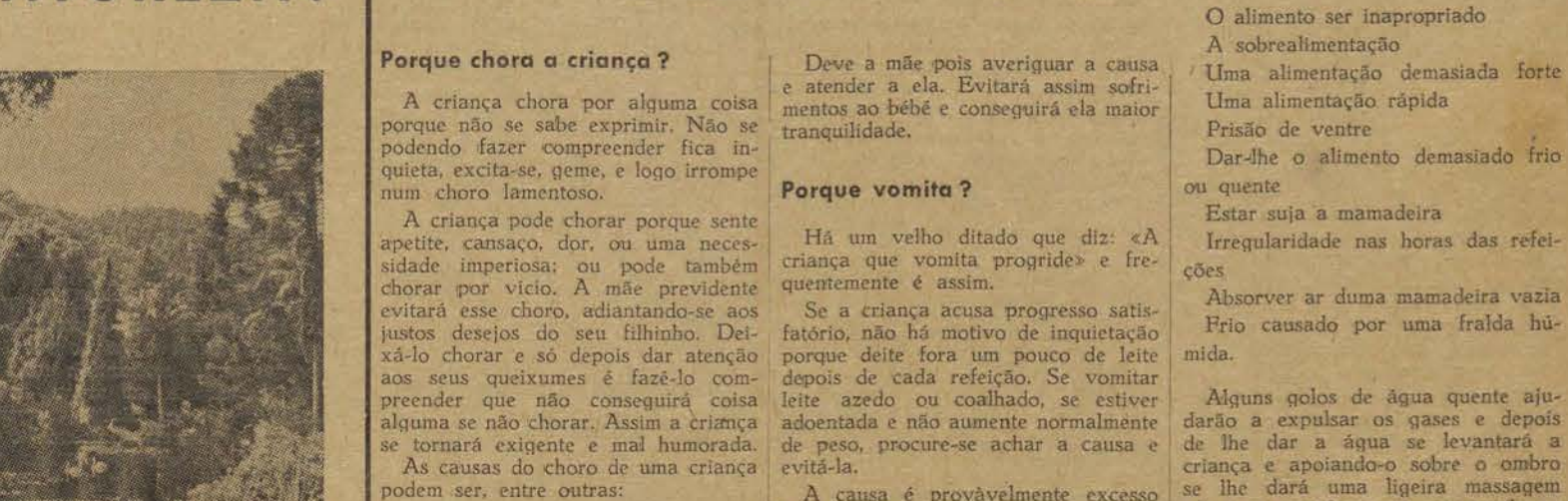
Agora a cena passava-se na sala do Centro de Serviço Social que funcionava junto da fábrica onde trabalhava o João.

O João entrou, de boné na mão e com uma voz estranhamente firme embora com olhar inquieto, disse, sem preâmbulos, para a Assistente Social, sentada à secretária:

— Eu sei que a Senhora está aqui para nos ajudar... Ajude-me a tratar dos papéis de divórcio.

— Tem razão não quer divórcio? Seguiu-se então uma série de perguntas, casado há oito meses, quando volta do trabalho nunca encontra a mulher em casa, anda em conversa por casa das vizinhas; quando solteira, fora umas vezes operária, outras vendedeira ambulante e não aprendera a fazer nada em casa. Ao domingo, o marido tem agora de esperar pela

OS CAMPOS DE NOÇÕES DE BELA A NATUREZA!



que esteja molhada ou suja. Excesso de calor ou frio. Fato apertado ou incomodado. Uma grande dobra na roupa. Posição incômoda ou continuada. Flatulência devido a indigestão. Não poder estender as pernas. Não ter bastante ar puro. Aflição-lhe as pulgas ou moscas. Irritação nas nádegas. Ter dor de ouvidos. Incômodos da dentição. Indigestão ou prisão de ventre. Ter fome ou sede.

Deve a mãe pois averiguar a causa e atender a ela. Evitar assim sofrimentos ao bebê e conseguir a maior tranquilidade.

Porque vomita?

Há um velho ditado que diz: «A criança que vomita progride» e frequentemente é assim.

Porque chora a criança?

A criança chora por alguma coisa porque não se sabe exprimir. Não se podendo fazer compreender fica inquieto, excitado, e geme, e logo irrompe num choro lamentoso.

Porque chora a criança?

A criança pode chorar porque sente fome, cansaço, dor, ou uma necessidade imperiosa; ou pode também chorar por vício. A mãe previdente evitará esse choro, adiantando-se aos justos desejos do seu filho. Deixá-lo chorar e só depois dar atenção aos seus queixumes é fazer-lo compreender que não conseguirá coisa alguma se não chorar. Assim a criança se tornará exigente e mal humorada. As causas do choro de uma criança podem ser, entre outras:

Porque vomita?

Alguns meses pensam que todas as crianças hão-de ter gases na sua barriguinha e que os devem ter, e que é inútil experimentar evitá-los. Essas mães incorrem num grave erro porque esses gases denotam um estado de indigestão que pode obedecer a várias causas sendo preciso averiguá-las para, suprindo-as, evitar que possam degenerar num estado doentio. A causa pode ser:

O alimento ser inapropriado

A sobrealimentação
Uma alimentação demasiada forte
Uma alimentação rápida
Prisão de ventre
Dar-lhe o alimento demasiado frio ou quente
Estar suja a mamadeira
Irregularidade nas horas das refeições
Absorver ar dum mamadeira vazia
Frio causado por uma frairda húmida.

Alguns gases de água quente ajudam a expulsar os gases e depois de lhe dar a água se levantará a criança e apoiando-o sobre o ombro se lhe dará uma ligeira massagem sobre as espáduas até que expila os gases.

As vezes dão muito alívio as fomentações com uma flanela molhada em água quente e bem escurrida até estar quase seca, que podem aplicar-se sobre o estômago, envolvendo depois o bebê em uma flanela quente durante meia hora, pelo menos. Chamar o médico se a cólica não ceder a este tratamento. Se a cólica for persistente o médico indicará uma dieta a seguir. As vezes pode ser devido ao leite ser muito forte. Frequentemente a origem é chupar ar pela chucha.

DOÇURAS

Aroz doce

Cozem-se 500 grs. de arroz em litro e meio de leite fervido com 500 gr. de açúcar em pó e uma vagem de baunilha. Podem juntar-se 6 gemas de ovos depois do arroz cozido, indo novamente ao lume por pouco tempo até as gemas cozerem. Serve-se quente ou frio e polvilhado de canela.

Pasteis de nata

Faz-se uma massa folhada (vide receita no número anterior) com ligeiramente menos mantega do que indica a receita. Depois de pronta abaiça-se com o rolo de forma a ficar com 2 milímetros de altura aproximadamente. Corta-se em redondo com um copo largo e forra-se de massa pequenas formas lisas cônicas previamente untadas com manteiga, enchendo o interior com um creme de nata, levando-se depois num tabuleiro ao forno a cozer cobertos com um ou dois papéis grossos. Desmoldam-se depois de frios.

O creme: pode ser um simples leite-creme ou pode ser de facto «de natas».

Podem-se as nossas leitoras encontrar a receita deste último em qualquer livro de cozinha, por exemplo no livro de Olleboma editado pelo «Diário de Notícias», ou noutro.

Deitam-se numa caçarola 125 gr. de farinha de trigo desleita em dois decilitros de leite frio, juntando-se mais 12 gemas de ovos (ou menos) passadas por um passador, 400 gr. de açúcar e meia colher de café de sal fino. Vai ao lume até a farinha estar cozida. Juntam-se então, a pouco e pouco litro e meio de leite muito quente, um pau de canela e meia vagem de baunilha, deixando levantar fervura e conservando a ferver, se for necessário, até ter consistência precisa. Deita-se na travessa ou prato de serviço. Polvilha-se de canela.

Leite-creme

Esta receita dá para uma casa de família.

zes só com o prolongamento do tempo entre refeição e refeição se corrige esta doença.

Se a criança for acometida por um excesso de vômitos com dores de barriga e que tenha diarréia ou prisão de ventre é preciso mandar chamar o médico e enquanto ele não vem, não se deve dar alimento ao bebê e só um pouco de água levemente açucarada acabada de ferver e já fria, a beber.

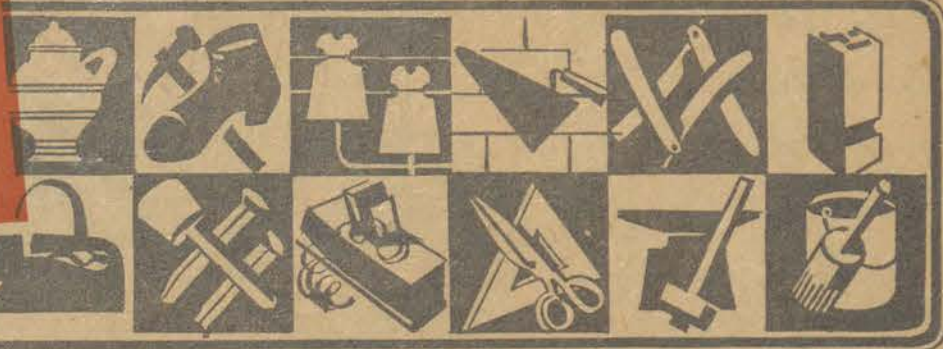
Porque tem gases e cólicas?

Minha senhora, ninguém nasce ensinado e afinal, ela não sabia...

Tinha-se passado um mês. Um homem ainda não entrou pela porta do Centro de boné na mão, e com voz firme e olhar algre disse sem preâmbulos à Assistente sentada atrás da secretária:

— Minha senhora, vinha dizer-lhe que já me não quero divorciar.

— Quer experimentar fazer também uma camisola para o seu marido,



AS PRETENSÕES DOS FERROVIÁRIOS

Para a Campanha da Dignificação Operária SÃO PRECISOS CHEFES

O n.º de Janeiro — Fevereiro de «Vida Ferroviária», boletim do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Centro de Portugal, publicava uma exposição em que se consubstanciavam as reivindicações da classe.

Dessa exposição transcrevemos:

«As Direcções dos Sindicatos Nacionais dos Ferroviários de Portugal (Via Larga e Estreita), representadas pelos seus presidentes, resolveram, por unanimidade, o seguinte:

Apresentar como problema que mais interessa ver resolvido neste momento pelos seus 30 mil interessados:

Que lhes seja facultado o direito de verem estabelecido um acordo colectivo de onde constem as condições de trabalho e remuneração que abrangem os ferroviários do País;

Fundamentar este seu pedido nas seguintes razões essenciais:

Que tendo-se iniciado o cumprimento da lei 2.008, já se encontram

incorporadas na C. P. todas as linhas de caminho de ferro que constituíam empresas separadas, estando portanto todos os ferroviários do País a servir sob as ordens de uma empresa única, mas com condições de trabalho e remuneração muito diferentes uns dos outros. Esta circunstância ocasiona grande mal estar entre a classe:

Que as portarias de reajustamento de vencimentos (Vias Largas e Estreitas) de 1945 ficaram com algumas deficiências que urge remediar, o que já foi reconhecido superiormente quando se instituíram Comissões Arbitrais com o fim de rever e melhorar o que então foi legislado, mas que, pelas razões da fusão das Companhias, ao iniciar os seus trabalhos tiveram que os suspender, aguardando a consequente fusão ou remodelação da orgânica sindical ferroviária, sem a qual, como se compreende, as Comissões não poderão funcionar;

Que a situação actual das Caixas de Reforma, quer da C. P. quer das companhias incorporadas, quase todas em situação de vida precária (uma até de situação aflitiva), necessitam uma completa e eficaz remodelação imediata;

Que a C. P. rege o seu pessoal por um Regulamento Geral do Pessoal, que tem a aprovação do Governo e que data de 1927. Que o referido regulamento tem sofrido nestes 20 anos tais e tão profundas alterações — quer por ordens da Direcção Geral, Instruções e Circulares; quer por interpretações dadas de momento, que do primitivo nada ou quase nada resta em vigor.

Acresce ainda que as divisões públicas, por sua vez, regulamentos e ordens primitivas que estabelecem matéria nova por vezes diferente, e até contrária ao Regulamento Geral do Pessoal e às leis do País. Com a incorporação dos agentes das outras companhias as dificuldades de interpretação são cada vez maiores, tornando-se por vezes impossível a cada um, saber o regulamento por que se governa;

Que com o Acordo Colectivo preconizado e solicitado, o Governo daria inteira satisfação aos desejos das massas ferroviárias, dando-lhe regalias iguais às de milhares de trabalhadores portugueses, incluindo os seus camaradas que trabalham noutros ramos de indústrias de transportes, bem como e muito essencialmente às recomendações feitas pela 2.ª Secção da Comissão de Transportes Internos do O. I. T. realizada em Maio do corrente ano em Genebra que preconiza os Acordos Colectivos como instrumentos que melhor garantem as boas relações entre patrões e trabalhadores, condição de que depende essencialmente a prosperidade das empresas, das Nações e a Paz do Mundo».

Todos nós costumamos impressionar-nos com as reuniões de grandes massas humanas e dar a estas uma importância na evolução dos acontecimentos que habitualmente não têm.

A multidão é, por natureza volúvel e sem persistência. Nenhum movimento, nenhuma transformação social vingará sem um núcleo de chefes decididos e esclarecidos ao seu serviço.

Nunca vistas enormes multidões que em dado momento se reúnem e agitam em volta de uma ideia que parece destinada a conquistar quase instantaneamente o Mundo, para pouco depois caírem na apatia ou se dispersarem em busca de novas ideias — miragens? Que faltou a essa ideia para se firmar e vencer? Na quase totalidade dos casos pode afirmar-se que lhe faltaram principalmente chefes apaixonados, a formar e a informar, a esclarecer e a tirar conclusões para a vida de cada um, da doutrina professada.

Chefes não quer dizer mandões. A primeira obrigação do chefe é viver plenamente a ideia que diz servir. A segunda será esclarecer e orientar os outros na realização da mesma vida ideal.

É certo andar o valor das ideias intimamente ligado ao dos homens que as defendem: «Não pode a árvore má dar bons frutos», disse Cristo. Em teoria, as melhores ideias deviam apaixonar os melhores homens e estes, tornados melhores chefes, arrastariam atrás de si as multidões. Se tudo isto se desse automaticamente, com o fatalismo do movimento da maquinaria dum relógio, nunca o Homem teria passado pelas graves crises que a História assinala. Na prática, porém, embora estejamos convencidos da vitória final das melhores ideias, somos levados a reconhe-

cer que estas não conseguem impor-se senão depois de porfiadíssima luta. É que é fraco o poder de discernimento do homem e o seu critério muitas vezes se deixa influenciar, quase inconscientemente, por paixões pessoais, por interesses particulares. E, a estas deficiências da alma humana, há ainda que acrescentar o natural pendor que todos acusamos para o fácil, quase sempre identificado com o inferior.

Daí a dificuldade da vitória do Bem sobre o Mal. Dificuldade, não impossibilidade. Porque, assim como os grandes ideais fazem os grandes chefes, assim estes, lutando muitas vezes contra a incompreensão dos que os rodeiam, o ódio dos que os perseguem, a inveja dos que lhes sentem a superioridade, possibilitam o triunfo daqueles.

E agora esta pergunta, posta à consciência de todos os que se dizem cristãos: Se estamos todos convencidos da superioridade incontestável do Cristianismo e da sua perfeita identificação com os mais elevados e puros anseios da alma humana, porque não triunfou ele, completamente, porque não é para todos luz a iluminar as consciências e não regula e informa profundamente a vida das modernas sociedades que, por tradição (iamos dizer: que, quase por ironia) insistem em se afirmar cristãs.

Fraqueza de critério e de vontade das massas?

Só?

Ou antes, carência de Chefes Cristãos?

Verdadeiros Chefes.

Verdadeiros Cristãos.

Se o Mal parece triunfar sobre o Bem, nesta pervertida e desviada sociedade, não será isso o fruto dum indesculpável tibieza dos que se dizem Arautos do Bem?

Grande e pesada responsabilidade a daqueles que tendo a luz em suas mãos a vão esconder, cobardemente, comodamente, criminosamente, sob o alqueire.

Chefes operários cristãos! Onde quer que vos encontreis! Na fábrica, na oficina, no escritório, no clube, na Casa do Povo ou no Sindicato, na Igreja ou no lar de vossas famílias! Não esqueçais a vossa responsabilidade de Chefes e de Cristãos. Sede-lhes fiéis, embora isso vos custe dissabores e perseguições, malquerenças e calúnias.

Sobretudo, chefes de famílias cristãs que, num esforço de gigantes, começais a surgir e a influir no progresso e na vitória do Bem sobre o Mal! Cuidai a alma dos que estão à vossa guarda. Defendei como a leoa os filhos a integridade e robustez física dos vossos, a beleza, a nobreza das suas almas.

São precisos chefes para a dignificação operária. Em primeiro lugar, chefes de família, viveiro e escola das gerações futuras.

trina canónica regista três espécies destas indemnizações: o *damnum emergens* — a perda havidada; o *lucrum cessans* — o lucro que não se ganhou pelo facto do empréstimo; e o *periculum sortis* — o risco que se correu. Esta última só depois de muitas discussões foi admitida. Incessantemente a doutrina medieval procurou lembrar aos homens que os fins económicos se subordinam a outros. A legislação, os costumes e as almas em larga escala se impregnaram desta doutrina.

GONÇALO

(Continua)

O VALOR DAS CRÍTICAS E DA ATITUDE Que devemos tomar perante elas

Diz o povo — e ele lá sabe porquê — que não é com vinagre que se apanham moscas.

Relacionado com esse ditado popular conhecemos outro parecido e que o completa: Não é com pontapés à colmeia que se recolhe o mel.

Vem isto a propósito dum exclamação que ainda, há pouco, ouvimos e que dizia:

Hoje em dia, há tão pouca gente que não diga mal, que as excepções são quase inconcebíveis. O segredo

do bom êxito está em não falar mal de ninguém, em dizer só bem.

E realmente só os doidos é que criticam e censuram os outros. O homem sensato, e de carácter, que tem a consciência do que faz e o domínio do que diz, não critica; procura compreender e desculpar. Procura encontrar a lógica dum disparate.

É muito mais difícil, mas incomparavelmente mais proveitosa e interessante do que a crítica esta atitude: dela nasce a simpatia, a tolerância e a bondade.

POR ONDE ANDAS, «EDUCAÇÃO»?!

(Continuação da 2.ª pág.)

É evidente que, enquanto se representava a trágica cena que estava sendo atentamente observada pelos empregados da Companhia (diziam eles — afinal não somos só nós os mal-educados aqui dentro...) o «elétrico» aguardava o termo do idílio para então recomeçar a sua marcha, conduzindo aos destinos os seus ocupantes (cujo número é difícil de calcular a uma hora destas).

Decorridos alguns minutos, suficientes para ajuizar do carácter daqueles dois indivíduos lá segue a «caravana».

Surge então, na plataforma da frente, o primeiro comentário:

Sim senhor! Estes dois cavalheiros, atribuindo a uma distração e a um encontrão uma falta de delicadeza, entenderam por bem corrigir-se mutuamente, mimoseando-se com os mais violentos improperios, sem sequer reparar que estavam ferindo o pudor dos presentes!... Muito bem!... Se é essa a educação deles, bem podem ir para a selva!

Uma gargalhada geral e o comentador pediu licença e saiu mais adiante.

A. C. S.

Uma crítica, pode equivaler, nalgumas circunstâncias, a um ferrete indelével, de ignorância. Devemos ter sempre presente que as pessoas com quem lidamos não são criaturas lógicas, mas sim criaturas emotivas, erigidas, como um ouriço cacheiro, de preconceitos, enfatuadas na sua vaidade e orgulho, sujeitas às mínimas susceptibilidades.

É para essas pessoas a crítica é como que um rastilho: origina explosões de efeitos imprevisíveis.

Muitos dos grandes crimes têm origem numa palavra azeda que provoca uma série de explosões em cadeia.

A crítica é inútil porque coloca uma pessoa na defensiva.

Pode comparar-se à esgrima em que o atacante tem de contar sempre com a parada e a resposta.

O criticado trata, em geral, de justificar-se. Além disso, a crítica é perigosa porque fere susceptibilidades, espezinha o orgulho natural do homem, desperta o ressentimento, que conduz ao recalamento temporário ou à explosão imediata e acaba na vingança.

Já alguém comparou a crítica aos pombos correios: voltam sempre ao ninho.

Não censuremos ninguém, na certeza de que em circunstâncias idênticas, procederíamos do mesmo modo.

Já lá dizia Confúcio: Não te queixes da neve no tecto do teu vizinho, quando também cobre o umbral da tua casa.

Ou como diz o Evangelho. Vemos o arqueiro nos olhos dos outros e não vemos a trave nos nossos.

MIRADOURO

(Continuação do número anterior)

«Comerás o teu pão no suor do teu rosto (Gen. III, 19), até que te tornes na terra de que foste tomado».

Foi esta a sentença com que Deus premiou a desobediência dos nossos primeiros pais. O trabalho passou a ser sob todas as formas uma lei obrigatória. Do trabalho passou a depender a própria vida. E de facto se não houvesse trabalho no mundo, os homens acabariam por morrer de fome. O trabalho fornece-nos em forma de salário tudo o que precisamos para viver. O trabalho gera riqueza e quem fornece o trabalho é o trabalhador e este não deve nem ser escravo da riqueza, nem ter a sua vida organizada de modo a ser escravo do trabalho. Todo o trabalho tem a mesma nobreza e a mesma dignidade e é na sua base que existe a necessidade fundamental de conservar e de transmitir a vida, diz o douto professor acima referido no seu discurso, indo ao encontro da nossa doutrina. E acrescenta: «Se muitos homens não dispõem para viver de mais nada senão do potencial do seu trabalho, duas conclusões se opõem: uma é que é preciso organizar a economia nacional de modo a terem trabalho os trabalhadores; outra é que o trabalho tem de ser regulado e organizado por forma que o salário permita aos trabalhadores viverem. E entende-se este viver não no sentido de renovação das forças físicas, mas dum vida suficiente e digna. Para

isto, o justo salário, o salário familiar.

Vejamos qual a ideia medieval do justo salário. Diz Henrique de Langenstein: o salário deve ser uma quantia que represente o necessário para a manutenção e para o reembolso das despesas de quem trabalha. S. Antonino de Florença insiste sobre a injustiça que seria dar ao trabalhador um salário insuficiente para a sua manutenção e a da sua família.

O dinheiro abandonado a si próprio é estéril. É o trabalho que aplicado ao dinheiro dá o produto. O pensamento medieval vai ao ponto de frisar que se um proprietário empresta o seu dinheiro a um artista, a um trabalhador, só tem direito à restituição do que emprestou, ficando o artista com o resultado do seu trabalho.

Aquele que empresta não trabalha. logo a cobrança de algum juro seria contrário ao princípio de que o grande título lucrativo e legítimo é o trabalho. O tempo não pertence a ninguém e todo o juro seria o preço do tempo, escreveu um escolástico do séc. XIII.

Em vários concílios, na legislação eclesiástica e por vezes na legislação laica, encontramos consagrada esta proibição do juro como o preço do tempo. Contudo havia lugar a legítimas indemnizações que não aparentavam o carácter de juros. A dou-